

Oficinas de Leitura com produção escrita - relato de experiência com alunos de jornalismo¹

Izabel Marques MEO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo versa sobre as possibilidades de atividades dentro de uma oficina de leitura cujo tema árido pôde ser trabalhado de forma positiva e propositiva. Ao longo de 15 encontros semanais os alunos leram o livro Fome, de Roxane Gay (2017), e após debaterem o trecho lido puderam externar as reflexões por meio de micronarrativas. Ao final do semestre a produção textual de todos os envolvidos compôs um livro artesanal com tiragem limitada.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; micronarrativa; autobiografia; oficina de leitura; juventude

A PROPOSTA

Desde 2016 que o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PosCom) da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) em parceria com a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e com o Centro Acadêmico de Jornalismo da Metodista oferece Oficinas de Leitura ministradas por alunos e alunas da pós-graduação *stricto sensu* aos alunos da graduação.

As oficinas foram criadas com o objetivo de integrar os alunos e alunas da graduação com as atividades da pós-graduação além de incentivar o hábito da leitura e reflexão. Todo trabalho acontece de forma voluntária, assim como a adesão à atividade é gratuita. Os alunos e alunas de mestrado e doutorado podem propôr livros, expor a metodologia que irão adotar e organizar as inscrições, por e-mail, dosicineiros. A divulgação normalmente é feita pela internet, por meio dos canais oficiais da Cátedra Unesco, do Centro Acadêmico, site a UMESp e perfis nas mídias sociais dos alunos envolvidos na produção e realização das oficinas.

Em depoimento para vídeo da Cátedra Unesco, um dos alunos do PosCom que promove oficinas explica como elas nasceram:

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Juventudes, do PENSACOM BRASIL 2018

² Mestra em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo. Email: izabel.meo@gmail.com

As oficinas de leitura surgiram por iniciativa do professor [José Salvador] Faro que dava aula aqui [na Metodista] e percebeu que os alunos do curso de jornalismo, onde ele dava aula, estavam se formando mas não tinham uma carga de leitura e nem uma formação intelectual nesse sentido. Então a proposta dele era criar um espaço onde houvesse essa possibilidade de desenvolvimento intelectual, uma coisa mais livre e espontânea para a pessoa se desenvolver neste caminho com mais desenvolvimento intelectual, não só a parte da técnica. (MARCHETTO, Arthur. 2018)

As oficinas também são uma possibilidade dos pesquisadores desenvolverem uma vivência em docência, preparando-os para sala de aula.

...professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança (ALVES, 1982, p.11)

No primeiro semestre de 2018 foram oferecidas seis oficinas, uma a cada dia da semana, sendo duas às segundas-feiras. Os livros propostos foram:

- Vozes de Tchernóbil - A história oral do desastre natural / Svetlana Aleksievitch / Companhia das Letras
- Admirável Mundo Novo / Aldous Hux / Biblioteca Azul
- Misto Quente / Charles Bukowski / L&PM
- Macunaíma - O Herói Sem Nenhum Caráter / Mário de Andrade
- Sapiens - Uma breve história da humanidade / Yuval Harari / L&PM
- Fome - Uma autobiografia do (meu) corpo / Roxane Gay / Globo Livros

A aluna do PosCom, pesquisadora e autora deste artigo ofereceu a oficina do livro Fome com o objetivo de refletir como as histórias de vida interferem na relação dos jovens com seus corpos. A leitura era fluida apesar dos temas difíceis. A abordagem da autora contemporânea facilitava a reflexão a cada trecho.

Fome - uma autobiografia do (meu corpo)

Roxane Gay, autora do livro, é uma escritora, editora e comentarista norte-americana nascida em 1974 em Nebraska. Gay é negra, bissexual, descendente de

haitianos e foi estuprada aos 12 anos. Devido à pouca idade e a falta de diálogo sobre o assunto com sua família, Gay escondeu o fato até a vida adulta. Na verdade, seus pais só ficaram sabendo do que houve quando ela deixou nas entrelinhas a experiência traumática em um artigo de jornal. Ao não falar sobre isso, Gay acumulou todos os medos e traumas dentro de si e desenvolveu a ideia de que precisava ser grande, forte e repugnante para nunca mais passar pela dor de um abuso.

Ao chegar a marca de 262kg uma jovem Roxane foi acompanhada por seu pai à uma palestra/ consulta sobre a cirurgia bariátrica. Lá notou a violência que estava sendo conivente com seu corpo ao fatiar parte do estômago no objetivo de comer menos, emagrecer e nunca mais engordar. Mas o “problema” não estava no estômago, e ela sabia disso.

Com essa premissa o livro percorre as memórias da adolescência e transição para vida adulta de Gay, sua relação com a comida, suas amizades, sua família, seus diversos empregos, suas vontades e seus medos. Tudo marcado por uma fortes dualidades: antes e depois, dentro e fora, corpo e mente. Apesar do título, Fome (Hunger em inglês) e da capa americana ser uma foto em macro-zoom de um garfo, podemos notar que não é só fome de alimento que Roxane passa. Ela sente fome de atenção, fome de escuta, fome de liberdade, fome de espaço, fome de perdão.

Foi nessa inspiração que a cada semanas cerca de 15 alunas e um aluno leram de 20 a 40 páginas do livro por vez e partiram para discussão. Discussão essa importante de se realizar pois a conversa após a leitura é a possibilidade de engajar as/os leitoras/es ou ouvintes na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta. (BRANDÃO, 2010, p.70)

Os Encontros

Seguindo a proposta da Universidade para as oficinas, foram marcados encontros semanais ao longo do primeiro semestre de 2018. Sempre após as aulas da manhã, ou três meses e com duração de uma hora aproximadamente.

No primeiro encontro pudemos conhecer o grupo e combinar algumas coisas como o comprimento do horário, a quantidade de páginas a serem lidas, se teríamos feriados e recessos ao longo dos três meses de oficina e a questão da frequência e presença na atividade.

A aluna proponente da oficina chegava à sala designada mais cedo, arrumava o espaço com as cadeiras em círculo com o objetivo de favorecer o contato e promover a conversa entre todas/os/os/as participantes. A iniciativa parte da premissa de que o professor não transmite informações, mas sim cria condições para que os alunos/as adquiram informações, organizando estratégias para que o aluno/a conheça e construa seu próprio conhecimento. (AZEVEDO, 2016, p.8)

A partir do segundo encontro, todos/as estavam a par das primeiras partes do livro e podem debater sobre o gênero (autobiografia), os temas dos primeiros capítulos (corpo, imagem corporal, sexualidade, abuso, estupro, alimentação, estudo e amizade) e o que a leitura provocou no grupo.

As/os alunas/os foram convidadas/os a dividir com o grupo trechos que lhe chamavam a atenção, ler em voz alta, compartilhar sentimentos e até causas de coisas similares que aconteceram nas suas vidas. Como o passar da semana, além de discutir a leitura e os motivos da autora, o grupo da Oficina de Leitura foi se transformando em grupo de apoio. Uma sociedade pequena e discreta que se apoiava e mantinha no grupo os anseios, um território seguro para desabafos.

O exercício de ler envolve diversos procedimentos e capacidades cognitivas, como a percepção, as práticas, relações afetivas, sociais, discursivas e lingüísticas, dependentes da situação e das finalidades de leitura. (ROJO, p.1) A leitura e sua reflexão teve fases:

Podemos dizer que, no início da segunda metade do século passado, ler era visto – de maneira simplista – apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala), para se acessar o significado da linguagem do texto. Nesta perspectiva, aprender a ler encontrava-se altamente equacionado à alfabetização. Dito de outra maneira: alfabetizar – se, conhecer o alfabeto, envolvia discriminação perceptual (visão) e memória dos grafemas (letras, símbolos, sinais), que devia ser associada, também na memória, a outras percepções (auditivas) dos sons da fala (fonemas). Uma vez alfabetizado, uma vez construídas estas associações, o indivíduo poderia chegar da letra, à sílaba e à

palavra, e delas, à frase, ao período, ao parágrafo e ao texto, acessando assim, linear e sucessivamente, seus significados. É o que se denominou fluência de leitura. Nesta teoria, as capacidades focadas eram as de decodificação do texto, portal importante para o acesso à leitura, mas que absolutamente não esgotam as capacidades envolvidas no ato de ler. (ROJO, 2010, p.2)

Atualmente a leitura vem sendo deixada em segundo plano, seja pelo apelo das novas tecnologias, seja pela diferença de preço entre comprar um novo livro ou contratar o serviço de streaming que oferece mais títulos por um valor inferior. A leitura corresponde a uma parte grande do acesso à informação em nossa sociedade, mas perde espaço no lazer e mesmo nos estudos, dado também o crescimento de vídeos, podcasts e alternativas em áudio para comunicação e estudo.

Ainda assim, decodificar um texto é uma forma de aprender e assimilar significados.

Ler significa apreender significados, descobrir o sentido dado pelo autor, atribuir sentidos, imaginar sem o uso da imagem, um exercício mental. Representa, também, inclusão social, pois quem não compreende o que lê, não lê, enfrenta dificuldades na sua rotina diária. O ato de ler exige compreensão, aprender a ler requer exercício reflexivo, conforme destaca (SABINO *apud* BOEIRA, 2008, p.2-3)

Em dado momento, a aluna promotora da atividade percebeu que toda aquela energia precisava ser canalizada de forma a aproveitar ao máximo a reflexão e os encontros. Então, baseada em exercícios de escrita criativa e levando em conta que todas/os as/os oficinairos eram alunas/os de jornalismo, ela elaborou atividades de escrita temáticas.

As atividades

Como escreveu Rubem Alves: “ostra feliz não faz pérola”. De fato, com os temas de cada encontro ficando cada vez mais densos e ao mesmo tempo que havia alívio ao dividir os sentimentos que o livro trazia, havia certa ansiedade e comoção.

Para canalizar toda essa inspiração em algo que fosse produtivo e que ficasse de recordação para as/os participantes, a mediadora da Oficina propôs que ao final de cada

encontro fosse produzida uma micronarrativa, ou seja, um pequeno conto ou poema que mostrasse um cenário, apresentasse personagens e sugerisse uma ação. Ela elaborou as atividades a cada semana baseada em sua vivência em cursos de redação e principalmente na oficina Poucas Palavras Portáteis, do poeta Daniel Viana, que lhe apresentou o gênero literário micronarrativa onde “poucas palavras carregam significados muito além do que uma combinação de letras. Pequenos trechos escritos podem trazer ideias gigantes, grandes demais para pertencer e morar num pensamento só” (SESC, 2017, s/p).

Como a cada semana eram lidos muitos capítulos - em Fome os capítulos possuem tamanhos variados e tratam de temas variados. Gay discorre sobre suas experiências em ordem cronológica, porém sem fazer as entradas de diário explicitando exatamente as datas. Da mesma forma, ela aborda assuntos variados a cada capítulo - por isso as atividades de escrita foram pensadas previamente mais do seu ponto de vista prático do que do ponto de vista temático. O tema seria fomentado pelas discussões do grupo naquele dia, mas houve uma condução:

- Em determinado dia foi pedido que as/os alunos trouxessem uma foto que gostassem. No dia da oficina as fotos foram embaralhadas e re-distribuídas de forma que a/o dona/o da foto não trabalhasse com a sua mesma. Depois, foi pedido que contassem, em forma de micronarrativa, o que se passava no momento do clique.
- As pessoas foram divididas em dupla e foi recomendado que realizassem entrevistas uns aos outros, o tempo foi cronometrado e elas teriam que controlar para ambas falarem o que fosse importante. O tema da entrevista deveria ser “perdão” pois esse foi um assunto bem debatido naquele dia. Acabado o tempo da entrevista, cronometramos mais alguns minutos para produção dos textos que deveriam contar em forma de micronarrativa a história da pessoa entrevistada.

- Em um dia que tanto os capítulos como as discussões falaram muito sobre sofrimento dor física x dor sentimental, foi colocada uma frase para que todas as pessoas lessem e dado um tempo (cerca de 10 minutos) para que elas escrevessem tudo que viesse a mente sobre o que a frase lhes provocou. Acabado o tempo, deveriam escolher de 10 a 15 palavras e então compor uma micro narrativa que poderiam sintetizar ou não o texto escrito em fluxo contínuo de pensamento.
- Em outro encontro foi entregue uma frase de uma das passagens do livro Fome para cada aluna/o. A recomendação era usar essa frase como título ou parte de uma nova micronarrativa. Não foi dito de onde a frase foi retirada, mas não era do trecho lido para aquela semana. O objetivo foi inspirar a escrita mas sem limitar. Usar a construção de Gay em produções próprias.
- Conversando sobre as várias fomes que Roxane Gay fala no livro, foi proposto que as/os alunas/os materializasse em grupo a sua fome. Por isso, seria preciso achar um correspondente nas categorias: Se a sua fome fosse um *filme*; Se a sua fome fosse uma *música*; se a sua fome fosse um *personagem*. Esta atividade em específico foi inspirada em uma vivência elaborada pelo facilitador gráfico Victor Massao.
- No penúltimo dia de oficina discutimos sobre como a autobiografia de Roxane Gay tinha tocado a todos e todas de forma especial. Pensamos em como a vida dela seria diferente se ela tivesse tomado outras decisões. Também analisamos as pessoas que ela insere na história (pai, mãe, irmãos, namorados, namoradas, amigas, chefes, conhecidos e etc). Observamos que as pessoas nos são mostradas, claro, do ponto de vista da autora então, um dos lados da história. Por isso, o exercício de escrita deste dia foi se imaginar na pele de algum desses personagens reais e deixar um bilhete escrito para ela.

A cada semana os textos era então escritos e lidos em voz alta para todas/os do grupo. Depois a mediadora os guardava e com eles compôs um livro artesanal chamado “Notas Sobre uma Leitura - Fome de Roxane Gay”. Foram feitas 20 cópias, entregues uma para cadaicineira/o e outras guardadas para acervo.

Consideramos pertinente o exercício de escrever seus sentimentos tendo debatido um livro composto pelo desabafo de uma mulher que se tornou obesa devido à um abuso sexual. Mulher, negra, obesa e vítima de um abuso. Um milhão de histórias poderiam estar dentro de Roxane Gay, e nossa oficina de leitura teve de lidar com os sentimentos de identificação e repulsa que o livro provocou. A escrita e o debate em grupo justifica-se pois “narrando refletimos e nos inserimos em processos de busca. Aprender a narrar-se é também aprender a narrar a si mesmo de outro modo” (Ricoeur *apud* Azevedo, 2016, s/p)

Os Resultados

Além do livro impresso, que só foi entregue no último dia, os resultados desta oficina foi mais que somente a discussão sobre a leitura. O ler em grupo criou uma identificação. A maioria das alunas/os era do primeiro semestre do curso de jornalismo na Universidade. Também havia alunas do 3º e 5º semestre. O grupo se conheceu na oficina e construiu laços. Uma das provas é que retomamos a oficina no segundo semestre de 2018 com as mesmas participantes a pedido das mesmas.

Acreditamos que o fato de conciliar um grupo de leitura com os exercícios de escrita, leitura da própria produção e troca durante o processo caracterizam-se como uma Técnica de Sensibilização de grupo. Como abordado por Antunes (1988 p. 73) o volume de informações em aulas tradicionais pede momentos de reflexão e são indispensáveis em encontro de jovens cujo o objetivo é também eliminar barreiras de idade e propagar mensagens de amor e comprometimento. Somente a mediadora falar sobre o que foi destilado como essencial a cada semana, ou mesmo ouvir os relatos sem proposição não traria a integração do grupo.

Porque os valores essenciais da educação não se prestam a uma vivência quando transmitidos através de discursos; porque o conhecimento e a compreensão da realidade é mais facilmente alcançado pela vivência que pela informação; mas sobretudo porque as técnicas de sensibilização valorizam comportamentos e a assunção de responsabilidades sociais, promovem o aprimoramento da identificação do outro como indivíduo, através de seus valores e não pelas eventuais embalagens que o revestem. (ANTUNES, 1988, p.75)

Um dos desafios da oficina foi conciliar as expectativas da proponente, pertencente à geração y, com oficinairos da geração z, onde:

A geração Z é composta por indivíduos que nasceram a partir de 1993 e que estão, portanto, na faixa de 0 (zero) a 17 anos. Os indivíduos a ela pertencentes, mais do que a anterior, são aqueles do mundo virtual: internet, videogames, baixar filmes e músicas da internet, redes sociais, etc. A tendência é que estejam com o fone nos ouvidos a todo instante, ao mesmo tempo em que estão realizando outras atividades e assistindo TV. Por isso, alguns chamam esta geração de “geração silenciosa”. Rápidos e ágeis com os computadores, têm dificuldades com as estruturas escolares tradicionais e, muitas vezes, com os relacionamentos interpessoais, uma vez que a comunicação verbal é dificultada pelas tecnologias presentes a todo o momento. Ainda não é muito claro como vão lidar com o emprego e com as especializações que até agora vêm se mantendo na sociedade. (SANTOS NETO, 2010, P. 14)

Apesar de tentador, procuramos não estimular o uso dos celulares para as atividades. O roteiro da mediação foi feito em uma apresentação, exibida pelo telão da sala multimídia da Universidade, mas as conversas foram “olho-no-olho” e os exercícios de escrita em papel e caneta.

Procuramos também não dar mais carga de leitura que o combinado a cada semana, seja por saber que o mesmo grupo participava de outras oficinas em outros dias, ou mesmo porque passagens importantes poderiam ser esquecidas entre um encontro e outro. Dada a densidade e importância atual do tema, era importante assimilar aos poucos as ideias da autora a fim de criar as nossas.

A mediação foi importante para que todas as participantes expusessem suas impressões nas reuniões. Apesar da idade próxima, de estudarem todas na mesma Universidade e fazerem o mesmo curso, as histórias de vida eram diferentes e no compartilhar todas pareceram encontrar refúgio.

A cada semana notou-se uma melhora na qualidade dos textos produzidos a cada exercício e na surpresa das alunas com a produção das colegas. Elas se ajudaram e incentivaram. De modo geral todas estavam animadas com a construção do livro.

O livro foi organizado por exercício e diagramado de forma artesanal, como um fanzine. As cópias foram feitas em ambiente doméstico e encadernadas por uma artesã voluntária. No dia da entrega, e último encontro, foi discutido a oficina como um todo, as expectativas atendidas ou não, as dificuldades e pontos bons desta jornada.

No final, com a entrega dos livros, foi pedido um último exercício: “se você pudesse escrever um só conselho para a pessoa que você mais gosta, qual seria ele?” Os livros até então iguais, passaram a ter sua última micronarrativa diferente. Depois que todas acabaram os livros foram redistribuídos, de forma que ninguém ficasse com o mesmo conselho.

Conclusões e adiantes

O relato compartilhado neste artigo se refere à Oficina de Leitura ministrada no 1º semestre de 2018, entre os meses de março e junho. Por ser a primeira experiência da autora, não foi elaborada uma pesquisa de satisfação ao final, mas esta sendo elaborada uma para a segunda experiência da mesma.

Não temos como medir o conforto das pessoas, mas a frequência foi algo necessário de se registrar e importante de se analisar. Tivemos 17 inscrições. 16 inscritas eram meninas e somente 1 menino. No primeiro dia da oficina vieram 10 alunas e 1 aluno. No último dia 3 meninas e 1 menino. Em média compareceram ao encontro 9 alunas/os por encontro. Quando faltavam, avisavam as colegas dos motivos ou mesmo escreviam por e-mail as razões. As alunas dos 5º e 3º semestre tiveram mais dificuldade com a frequência e em ficar até o final dos encontros. O motivo alegado era a quantidade de trabalhos de outras disciplinas e o horário de término da Oficina e o de entrada nos estúdios.

Em curso até dezembro de 2018, a Oficina de Leitura *A Teus Pés / Um Teto Todo Seu* começou em setembro com praticamente as mesmas alunas da edição anterior. Desta vez, intercalamos a leitura de um livro de poesias de uma autora brasileira dos anos 70, com um livro dos anos 20 de uma autora inglesa.

A reflexão foi, e ainda é, o ponto principal de uma oficina de leitura, mas podemos dizer que os exercícios de escrita se mostram um artifício interessante para canalizar energias e emoções, estimular talentos e dividir sentimentos.

Ao final deste semestre saberemos se a metodologia se confirma com uma análise desta segunda edição.

Anexos

A seguir algumas imagens do livro resultado dos exercícios de escrita ao longo da Oficina de Leitura:

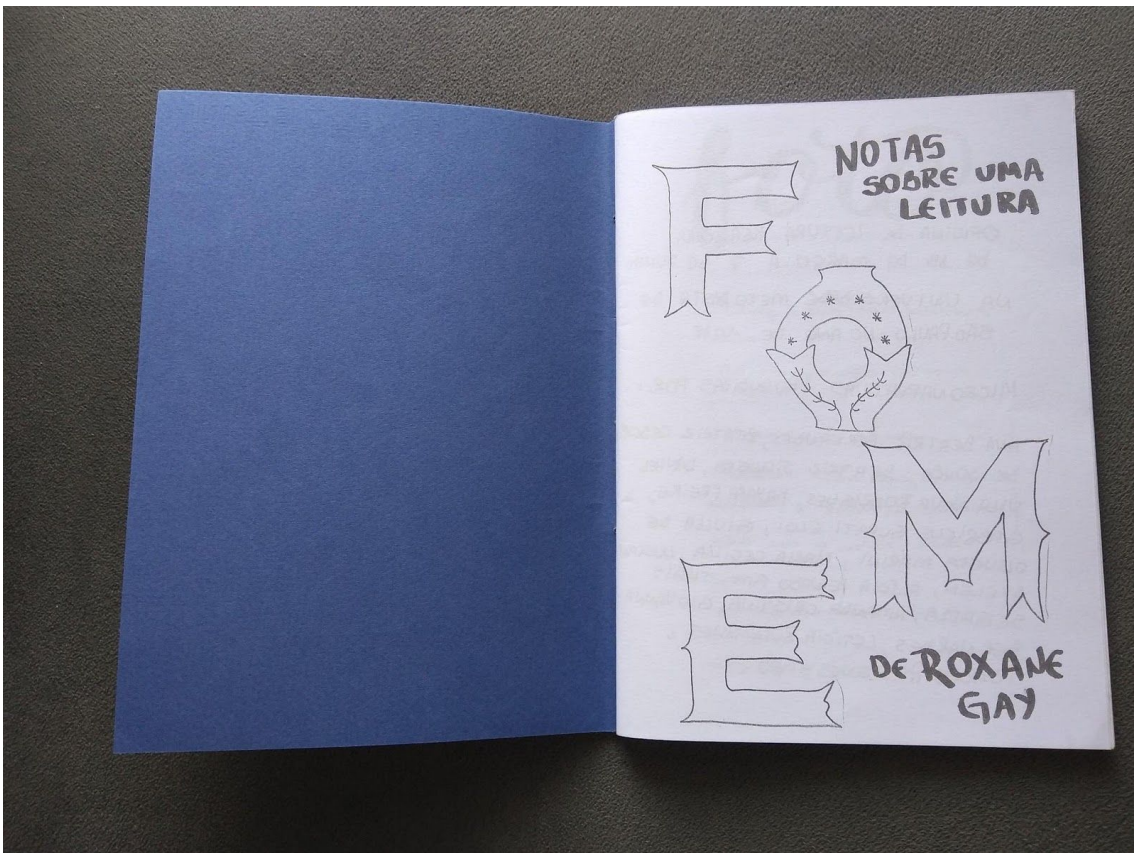


Figura 1 - Folha de Rosto

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar - polêmicas do nosso tempo**. São Paulo: Cortes Editora, 1982

ANTUNES, Celso. **Manual de Técnicas, de Dinâmica de Grupo e Sensibilização de Ludopedagogia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988

BOEIRA, Simone Oliveira. Oficina de leitura. in Revista e-Ped – FACOS/CNEC - Osório. Vol.2 – Nº1 – AGO/2012. Disponível em <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/oficina_de_leitura.pdf> Acesso em 3 de nov 2018

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende... in: **Literatura – Volume 20**. Disponível em <<https://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/literatura-infantil.pdf#page=69>> Acesso em 1 de nov de 2018

MARCHETTO, Arthur. Depoimento para vídeo **Oficinas de leitura**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mb6rZP_aMws>. Acesso em 3 de nov 2018

NETO, Elydio dos Santos. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. in **Revista de Educação do Cogeime** – Ano 19 – n. 36 – janeiro/junho 2010

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. Disponível em <<http://files.saladeleitura-dera.webnode.com/200000194-e3ca4e4c46/ROJO%20CAPACIDAD%20DE%20LEITURA.pdf>> Acesso em 2 nov 2018.

SESC. "Micronarrativas, vocação para besouro" Disponível em <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10695_MICRONARRATIVAS+VOCACAO+PARA+BESOURO> Acesso em 2 nov 2018